

## **Identities and identifications in the memories of ex-árbitros de futebol de Minas Gerais**

**Identities and Identifications in the Memories of Former Football Referees from Minas Gerais**

**Gabriel Farias Alves Correia**

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil  
Doutorando em Administração, UFMG  
correiaagfa@gmail.com

**Fernanda Rocha da Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil  
Mestranda em Administração, UFMG

**Alexandre de Pádua Carrieri**

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil  
Doutor em Administração, UFMG

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é compreender o que é ser árbitro de futebol e como são construídas as identidades e identificações com essa função a partir das memórias de ex-árbitros que foram vinculados à Federação Mineira de Futebol (FMF). Para tanto, buscamos suporte teórico nas discussões sobre identidades, compreendendo-as como fluídas e dinâmicas; e na literatura sobre memórias, discutindo sua construção para atender aos interesses do tempo presente. Utilizando as convergências entre as metodologias histórica e qualitativa, realizamos 21 entrevistas narrativas semiestruturadas com ex-árbitros de futebol de Minas Gerais, complementadas por análises documentais e anotações de caderno de campo. Os dados, analisados a partir da perspectiva de análise de narrativas, sugerem que as identidades dos ex-árbitros de futebol sofrem influências das condições sociais das quais eles foram inseridos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidades; Identificações; Arbitragem de futebol; Memórias.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to understand what it means to be a football referee and how the identities and identifications with this built function from the memories of former referees who were linked to the Federação Mineira de Futebol (FMF). For this, we seek theoretical support in discussions about identities, understanding them as fluid and dynamic; and in the literature on memories, discussing its construction to meet the interests of the present time. Using the convergences between historical and qualitative methodologies, we conducted 21 semi-structured narrative interviews with former football referees from Minas Gerais, complemented by documentary analyzes and field notebook notes. The data, analyzed from the perspective of narrative analysis, suggest that the identities of former football referees are influenced by the social conditions of which they were inserted.

**KEYWORDS:** Identities; Identifications; Football Referee; Memories.

## ÁRBITROS INICIAIS

O objetivo deste artigo é compreender o que é ser árbitro de futebol e como são construídas as identidades e identificações com a atividade por meio das memórias de ex-árbitros que foram vinculados à Federação Mineira de Futebol (FMF). O trabalho é fruto de um projeto de pesquisa maior que deu origem a uma dissertação de mestrado que buscou apreender as histórias e memórias de árbitros já jubilados da federação estadual.<sup>1</sup>

Ao realçarmos o estudo de histórias ordinárias, deslegitimadas pelos estudos convencionais, recorreremos à concepção da memória. Ela nos permite o acesso às experiências dos sujeitos e o destaque de conhecimentos populares com pouco ou nenhum registro, distintos de saberes disseminados como verdadeiros e únicos.<sup>2</sup> A história ordenada e que procura estabelecer fontes mais “confiáveis”, como documentos oficiais e grandes narrativas, se recolhe aqui ao segundo plano para que a percepção e os sentimentos individuais conexos aos acontecimentos sejam protagonistas por meio da memória oral. Por isso, destacamos que o artigo que propomos se engaja nos ritmos das narrativas memorialísticas nas quais o tempo não delinea e sequencia os acontecimentos. Os ritmos seguidos são os das próprias memórias e das lembranças do passado que sofrem interferências do tempo presente.

A proposta se torna relevante ao ampliarmos os estudos históricos do futebol, reconhecendo a existência de múltiplas significações dentro do esporte.<sup>3</sup> Ao considerarmos as fontes orais como passíveis de transmitir conhecimento, destacamos as narrações e as versões dos fatos de sujeitos silenciados, mas que resistem às tentativas de apagamento histórico e de homogeneização da realidade. São os movimentos do pequeno e do popular, vinculados à uma literatura menor<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> A dissertação *Uma grande solidão em meio à multidão: histórias e memórias da arbitragem de futebol de Minas Gerais* foi vencedora do “II Prêmio Brasil de Teses e Dissertações sobre Futebol e Direitos do Torcedor” promovido pela Secretária Especial do Esporte do Ministério da Cidadania na categoria “Aspectos socioculturais do futebol e suas derivações”.

<sup>2</sup> BOSI. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, p. 52. BOM MEIHY; HOLANDA, *História oral: como fazer, como pensar*, p. 26.

<sup>3</sup> BARROS; CARRIERI. *O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração*, p. 154.

<sup>4</sup> DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 25.

em que os sujeitos reivindicam funcionamentos díspares das hierarquias de saber e de poder estabelecidas.<sup>5</sup>

A partir da interação das experiências do passado, sejam elas individuais ou coletivas, discutimos as conexões entre memórias e as identidades dos ex-árbitros mineiros. As identidades como processos dinâmicos e fluidos, expressam sentidos e significados partilhados pelos e entre os sujeitos,<sup>6</sup> influenciadas pelo tempo histórico e pelo campo social nas quais se desenvolvem.<sup>7</sup>

Em termos metodológicos, trabalhamos com as convergências das abordagens histórica e qualitativa.<sup>8</sup> Para discutirmos as identidades presentes nas memórias dos sujeitos, recorreremos às narrativas orais tendo em vista que elas possibilitam a compreensão de uma temática central em que o narrador disserta sobre o assunto.<sup>9</sup> Realizamos 21 entrevistas narrativas semiestruturadas com ex-árbitros mineiros, triangulando os dados com documentos e com nossas anotações de caderno de campo. Para análise dos dados, utilizamos as contribuições da análise de narrativas.

Este artigo ainda está dividido em seis tópicos, a contar esta introdução. No segundo discutimos as diretrizes teóricas sobre as identidades e, sem seguida, elaboramos os suportes relacionados às memórias. Desenvolvemos no quarto tópico nosso percurso metodológico para, logo após, apresentarmos as análises dos dados. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

## **CAMPO TEÓRICO: AS IDENTIDADES**

Em princípio, se faz necessário registrar e assumir o nosso ponto de partida nesta seção, no que se refere à discussão sobre a natureza da identidade. Em rodadas anteriores, muito se discutiu sobre isso, se a identidade seria de caráter essencialista, fixa e imutável, ou se ela seria resultado dos processos sociais e

---

<sup>5</sup> CERTEAU. *A invenção do cotidiano 1*, p. 97.

<sup>6</sup> WOODWARD. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, p. 10.

<sup>7</sup> CORREIA; PEREIRA; CARRIERI. “Ser um ambulante é necessidade que nós temos de trabalhar”: cotidiano e identificação de trabalhadores pipoqueiros de Belo Horizonte, p. 173.

<sup>8</sup> YATES. *Understanding Historical Methods in Organization Studies*, p. 276.

<sup>9</sup> BOM MEIHY; HOLANDA. *História oral*, p. 30.

culturais e, portanto, dinâmica e influenciável, um vir a ser constante<sup>10</sup> debate no qual não entraremos aqui neste texto. Mas, cientes deste percurso, optamos por assumir, desde já, um posicionamento teórico sobre a natureza e desenvolvimento da identidade, de ela não ser considerada essencialista, mas fruto de um processo histórico, social e cultural. Isto é, trabalhar a identidade e seus conceitos é considerado um permanente desafio tendo em vista a diversidade de aspectos desenvolvidos,<sup>11</sup> destacados por autores clássicos como a ideia de metamorfose,<sup>12</sup> o resultado de um processo de socialização,<sup>13</sup> a invenção a partir de uma crise de pertencimento<sup>14</sup> e as identidades culturais ligadas aos pertencimentos às diversas culturas.<sup>15</sup>

Nessa esteira, consideramos que “a identidade é formada na ‘interação’ entre o ‘eu’ e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”.<sup>16</sup> Dessa maneira, podemos compreender as identidades como aquelas que sofrem influências do contexto social e da época histórica na qual um sujeito está vinculado.<sup>17</sup> As identidades se constituem enquanto processos dinâmicos, abertos às influências e às relações, ao fora do sujeito individualizado, podendo ser modificadas e se transformarem ao longo do tempo, uma vez que os sujeitos estão sempre em relação “a” e em relação “com”, imerso nas estruturas sociais.

Seguindo essa perspectiva, duas características se tornam relevantes, o pertencer<sup>18</sup> e a diferença.<sup>19</sup> O pertencimento é resultado do processo de identificação, que pode ser múltiplo, a fim de que o sujeito faça parte de uma categoria ao mesmo tempo que não participaria de outra, seja ela relacionada a

---

<sup>10</sup> WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 14. HALL, *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 10.

<sup>11</sup> FARIA; SOUZA. *Sobre o conceito de identidade*, p. 37.

<sup>12</sup> CIAMPA. *A estória do Severino e a história da Severina*, p. 15.

<sup>13</sup> DUBAR. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*, p. 49.

<sup>14</sup> BAUMAN. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, p. 53.

<sup>15</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.10.

<sup>16</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.11.

<sup>17</sup> VAN VUUREN; TEURLINGS; BOHLMMEIJER. *Shared fate and social comparison*, p. 274. AGUIAR; CARRIERI. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses, p. 257.

<sup>18</sup> BAUMAN. *Identidade*, p. 54.

<sup>19</sup> WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 19.

cultura, a classe ou a raça, de modo que ele possa reivindicar a sua identificação com essa categoria. E a identidade nacional é um grande exemplo de um pertencimento coletivo, indicando a localização daquele sujeito no tempo e no espaço. Já a diferença, marca os limites da identidade, as fronteiras entre o eu e o outro.<sup>20</sup> É o diferente, o fora do sujeito que o demarca, determinando os contornos de sua identidade. Sendo assim, identidade e alteridade deveriam caminhar juntas, em uma relação imbricada como determinantes.

A existência dessas duas características pode levar a produção de identidades fragmentadas, as quais podem interagir ou divergir entre si<sup>21</sup> formando um quebra-cabeça identitário, cujas peças advêm dos variados processos de identificações, estabelecidos pelo sujeito. E montar esse quebra-cabeça das identidades seria atribuição “de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão”,<sup>22</sup> neste caso, com os fragmentos identitários. Fragmentos, peças, que podem ser substituídos a qualquer instante, seguindo a dinamicidade das identificações, e, portanto, formando outras identidades. Soma-se a isso, também, outros dois elementos da identidade: o simbólico e a representação. É por meio do simbólico que definimos os sentidos e significados das práticas sociais, marcando as semelhanças e as diferenças, o que, por sua vez, influencia nos processos de inclusão e exclusão sociais.<sup>23</sup> E os significados são comuns, resultado do pertencer a uma mesma categoria, e que são partilhados por determinado grupo de pessoas, como ocorre na identidade nacional, por exemplo. Esses processos de socialização impactam nas construções das identidades em uma dinâmica que envolve a integração e as percepções múltiplas de realidade que são compartilhadas<sup>24</sup> entre os sujeitos.

A representação é mais ampla, pois abarca tanto os elementos simbólicos, quanto os seus significados, sendo ela “compreendida como um processo cultural, [que] estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que

---

<sup>20</sup> MENEZES. *Identidade e processos de identificação*, p. 69.

<sup>21</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 13.

<sup>22</sup> BAUMAN. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, p. 55.

<sup>23</sup> WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 16.

<sup>24</sup> MONTEIRO et al. *O trabalho sujo com a morte*, p. 83.

eu poderia ser? Quem eu quero ser?”.<sup>25</sup> Desse modo, a identidade, como construção social, determina a posição social ocupada pelo sujeito, se estaria inculcado em processos de exclusão ou de inclusão. Tendo em vista que é na identidade marcada pela diferença que são criadas classificações que buscam delimitar as diferenças sociais e simbólicas dos indivíduos no que diz respeito às relações sociais. Assim, “a partir dessa construção do social e do simbólico, indivíduos que compartilham de características idênticas formam grupos, aceitando-se entre si como semelhantes e negando os diferentes: monta-se assim processos de significação”.<sup>26</sup>

Além disso, as identidades são expressas no cotidiano, quando os sujeitos manifestam suas ações e discursos, em um processo de criação e recriação contínuo. É nesse sentido que “os processos identitários são resultados de uma produção discursiva e simbólica. Assim, por intermédio da identificação e da diferenciação (não identificação) nas relações sociais, pode-se criar e estabelecer esses processos”.<sup>27</sup> E essa produção discursiva da identidade nos remete ao tempo histórico no qual ela se desenvolve, uma vez que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”,<sup>28</sup> de maneira que a identidade exprime traços de época, características datadas, que podem ou não se transformar com o transcorrer dos dias, devido à dinamicidade que é própria dos processos de identificação.

Sendo assim, é a partir dessa característica que podemos afirmar, desde as análises narrativas das entrevistas com o ex-árbitros de futebol, que o processo de identificação deles, quanto a identidade “árbitro de futebol”, continua sendo representativa, no tempo presente, para eles. Apesar de não mais exercerem a respectiva função, como veremos, os ex-árbitros continuam tendo elevado apreço ao uniforme e ao ofício exercido outrora, fazendo deles significantes atuais, a demonstrar que essa identidade ainda é exercida por eles, dada a característica presente de pertencimento à classe arbitral. Porém, isso não significa que o sentido de ser árbitro de futebol não se transformou com o passar do tempo, ao contrário,

---

<sup>25</sup> WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 18.

<sup>26</sup> FERREIRA; LEÃO; PAIVA JÚNIOR. *Identificação e diferença na construção de identidades culturais de torcedores rivais dos três grandes clubes da cidade do Recife*, p. 89.

<sup>27</sup> MONTEIRO et al. *O trabalho sujo com a morte*, p. 81.

<sup>28</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 12.

devido ao processo dinâmico da formação identitária, o ser árbitro continua sendo um vir a ser para os entrevistados, mas, agora, com o condicionante “ex” na delimitação desta identificação vivenciada pelos personagens da pesquisa, pois eles ainda não dependuraram o uniforme ou aposentaram o apito.

## MEMÓRIAS

Os caminhos abertos para estudo histórico no século XX se devem ao aprofundamento das discussões das relações entre passado e presente e o distanciamento da ideia que considerava o passado inerte, impossível de ser reinterpretado em função do presente.<sup>29</sup> Nesse sentido, a expansão dos estudos das memórias bem como suas relações com a história possibilitaram uma nova reflexão sobre o passado. Nas considerações de Ecléa Bosi surge a necessidade de se duvidar da conservação do passado sem uma reflexão sobre a influência do presente, dos materiais que estão disponíveis no agora e das representações que ocorrem nesse tempo. O próprio ato de recordar já retira a possibilidade de uma essência dos acontecimentos passados, cabendo a realização das diferenças que os pontos de vista possibilitam.<sup>30</sup>

As memórias são tratadas como cimento da vida, sendo simultaneamente habilidades naturais e construções sociais, em atividade, em movimento, atuantes em uma espécie de trabalho que dá sentido ao passado, considerado pelo autor como trabalho morto, mas que “compõe o palco da vida”.<sup>31</sup> As memórias, para o mesmo autor, sejam elas individuais ou coletivas, não são simples repositórios passivos de fatos, mas se caracterizam como produtos culturais imensuráveis. Essa mesma posição é reforçada nas propriedades construtivas e reconstrutivas de significações que são as memórias, distanciando das compreensões que as colocam inertes, reforçando as ocorrências no tempo presente sobre questões do passado.<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> FERREIRA. *História, tempo presente e história oral*, p. 329.

<sup>30</sup> BOSI. *Memória e Sociedade*, p. 55.

<sup>31</sup> GUARINELLO. *História científica, história contemporânea e história cotidiana*, p. 17.

<sup>32</sup> JOAQUIM; CARRIERI. *Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão*, p. 311.

Os elementos das memórias vão além das ideias de projeção e transferência para chegar à organização das memórias como fenômeno seletivo, já que nem tudo se interessa manter nas memórias.<sup>33</sup> E esse fenômeno deve estar conjugado com a forma e o momento em que se opta por lembrar. Em complemento, o ato de recordar realizado em determinada época possui diferentes objetivos do que se fosse realizado em um tempo anterior, e é por isso que é possível afirmar que as memórias são flutuantes, articuladas e expressas de diferentes formas e em diferentes momentos. A preocupação do presente interfere na estruturação das memórias, já que a reinterpretação das próprias lembranças faz parte do processo. Refletimos ainda sobre o emaranhado de possibilidades que as memórias dispõem, compreendendo que o que é lembrado não será nunca o todo, e mesmo que se tente voltar ao rememorado, a recordação não será igual.<sup>34</sup>

Se o pensamento voltado ao tecnicismo tenta nos convencer que a nostalgia é um sentimento inútil, um “trabalho improdutivo”, as memórias, diferente disso, buscam resgatar o que faz parte da humanidade do homem.<sup>35</sup> É por isso que a autora é enfática ao destacar que os compassos temporais foram sendo subjugados por uma sociedade industrial que, a seu ritmo, alterou as horas de vida, mais racionais, que possibilitam a manutenção de um sistema que exige sempre mais. Esse processo, exclui da vivência o tempo da amizade, do familiar, da experiência, dos sentimentos, do coletivo e da nostalgia.

Por fim, as memórias desempenham autonomia de escolher acontecimentos no espaço e no próprio tempo. Isso não ocorre de maneira arbitrária, mas sim por relacionamento de índices comuns, em configurações que se tornam ainda mais intensas quando se recebe a influência de um significado coletivo. Dessarte, “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, ‘descola’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”.<sup>36</sup> As memórias que envolvem as identidades não atuam sobre um passado estático, pleno e imutável. Pelo contrário, trabalham com um passado que, vindo à tona no tempo presente, atende aos interesses desse

---

<sup>33</sup> POLLAK. *Memória e Identidade Social*, p. 210.

<sup>34</sup> BOSI. *Memória e Sociedade*, p. 56.

<sup>35</sup> BOSI. *O tempo vivo da memória*, p. 53.

<sup>36</sup> BOSI. *O tempo vivo da memória*, p. 36.

próprio tempo. E esse passado não será nunca igual. O que é rememorado hoje, é diferente do que pode ser rememorado amanhã. É possível, nesse processo, optar por silenciar histórias, recontar outras, alterar outras tantas. É também possível na memória incorrer lapsos, omissões e esquecimentos.<sup>37</sup> E é nesse movimento fluído e dinâmico que o trabalho com as memórias se faz importante. São nos sentimentos, nas percepções e nas compreensões individuais, ou na ressignificação do tempo como apresenta a última autora, que os documentos e as grandes histórias não alcançam as memórias que se afirmam e reafirmam como “matéria-prima para a construção do conhecimento”.<sup>38</sup>

### MOVIMENTOS DENTRO DO CAMPO

Para desenvolvermos de forma satisfatória o objetivo proposto de compreender quais as identidades de os ex-árbitros de futebol mineiros e as identificações com a atividade, recorreremos às intersecções entre as metodologias histórica e qualitativa.<sup>39</sup> Elas, utilizadas em conjunto, podem alcançar novas teorias, interpretações dos fenômenos e processos, além de nos auxiliar na aproximação da realidade local e das especificidades de poder, indo além de uma abordagem superficial do passado.<sup>40</sup> Todos os movimentos realizados por nós na pesquisa foram registrados no caderno de campo.<sup>41</sup> A literatura sugere sua utilização como um diário, envolvido por uma prática rotineira de anotações sobre os percursos e percalços do trabalho de pesquisa, além das conversas informais. Por fim, triangulamos os dados com a análise de jornais disponibilizados pelos nossos entrevistados.<sup>42</sup>

As memórias, no contexto dessa pesquisa, foram aferidas por meio de entrevistas semiestruturadas a partir de perguntas exploratórias em que oferecemos flexibilidade aos narradores para construção dos encadeamentos

<sup>37</sup> NEVES. História oral: memória, tempo, identidades, p. 61.

<sup>38</sup> NEVES. História oral: memória, tempo, identidades, p. 6.

<sup>39</sup> YATES. Understanding historical methods in organization studies, p. 276.

<sup>40</sup> COSTA; SILVA. *A Pesquisa Histórica em Administração*, p. 12.

<sup>41</sup> BOM MEIHY; HOLANDA. *História oral*, p. 77.

<sup>42</sup> PIMENTEL. *O método da análise documental*.

memorialísticos.<sup>43</sup> O critério utilizado na seleção dos entrevistados foi que os sujeitos já tivessem encerrado suas atividades de arbitragem junto à federação. Partimos do contato com a diretoria do Sindicato dos Árbitros de Minas Gerais (SAMG) para chegarmos aos primeiros sujeitos. A partir disso, utilizamos o método “bola de neve” que consiste na indicação do entrevistado de novos sujeitos para composição da pesquisa.<sup>44</sup> Realizamos 21 entrevistas considerando o argumento de utilidade e aproveitamento.<sup>45</sup> O percurso da pesquisa se deu em Belo Horizonte e nas cidades de sua região metropolitana como Betim, Contagem, Pedro Leopoldo, Ibirité e Florestal. Somente um de nossos entrevistados, residente na cidade de Juiz de Fora, foi entrevistado via aplicativo Skype. Foram entrevistadas duas mulheres e dezenove homens, dos quais uma possuía, no momento da entrevista, 39 anos, um 47, sete entre os 50 e 59 anos, 9 entre os 60 e 69 anos e 2 entre os 70 e 79 anos. Somente um dos nossos entrevistados não se sentiu confortável para informar a idade. Atribuímos aleatoriamente nomes fictícios para cada um deles com a intenção de que não fossem identificados.

Em relação à trajetória na arbitragem, três iniciaram a atividade de arbitragem na década de 1960, quatro na década de 1970, oito na década de 1980, cinco na década de 1990 e somente uma na década de 2000. Em relação ao ano de saída, somente um deles se distanciou na década de 1980 e assumiu, logo em seguida, a comissão de árbitros da FMF, que ficou até início dos anos 2000, cinco encerraram as atividades de arbitragem na década de 1980 e os outros quinze o fizeram nos anos 2000. Em relação ao quadro máximo na arbitragem, três de nossos entrevistados chegaram até ao quadro internacional da FIFA, dezessete chegaram até o quadro nacional da CBF e dois realizaram a atividade somente pelo quadro estadual da FMF.

As entrevistas com duração média de uma hora e vinte minutos, foram gravadas, totalizando vinte e sete horas, e transcritas pelo primeiro autor. Para maior rigor metodológico, um especialista externo comparou a transcrição

---

<sup>43</sup> BOSI. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, p. 55. BOSI. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, p. 25. BOM MEIHY; HOLANDA. *História oral*, p. 27.

<sup>44</sup> GOODMAN. *Snowball Sampling*, p. 151; p. 18.

<sup>45</sup> BOM MEIHY; HOLANDA. *História oral*, p.85.

completa com cinco entrevistas aleatórias.<sup>46</sup> Com a mesma finalidade o procedimento foi repetido nos quatro minutos iniciais e finais, além dos minutos 35 e 44 (quando aplicável) de todos os arquivos. Eventuais erros gramaticais e de digitação foram corrigidos e o conteúdo posteriormente aceito para ser analisado seguindo as diretrizes da análise de narrativas.

Nº	Nome Fictício	Ano de ENTRADA na arbitragem	Ano de SAÍDA da arbitragem	Grau máximo alcançado	Idade
1	Leandro	1960	1983	CBF / ex-diretor de arbitragem FMF	74
2	Éder	1967	1990	CBF	79
3	Lucas	1969	1995	CBF / ex-presidente do sindicato	(não informada)
4	Reinaldo	1976	1998	CBF	68
5	Ubaldo	1976	2007	CBF	64
6	Vinícius	1978	1998	CBF	65
7	Rômulo	1979	2003	CBF	65
8	Marques	1980	2004	CBF	66
9	Ramon	1981	2003	CBF	61
10	Valdir	1982	2000	CBF	67
11	Jairo	1982	2007	CBF	54
12	Marcelo	1982	1998	CBF	63
13	Thulio	1983	2004	CBF	62
14	Guilherme	1983	2005	FIFA	58
15	Belmiro	1985	2008	FIFA	56
16	Renata	1992	2007	CBF	51
17	Dario	1992	2008	CBF	54
18	Diego	1993	2009	FMF	55
19	Ricardo	1996	2009	CBF / ex-diretor de arbitragem FMF	47
20	Nívio	1996	2012	FMF	53
21	Fernanda	2000	2015	FIFA	39

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores.  
Tabela 1 – Universo dos ex-árbitros entrevistados.

Uma vez construído o *corpus* das entrevistas, prosseguimos com a apresentação, interpretação e análise dos resultados conforme a proposta de análise de narrativa temática. Esse tipo de análise nos permite questionar “a intenção e a linguagem – como e por que os incidentes são narrados, e não

<sup>46</sup> MCLELLAN; MACQUEEN; NEIDIG. *Beyond the Qualitative Interview*, p. 79.

simplesmente o conteúdo ao qual a linguagem se refere”.<sup>47</sup> Em complemento, as análises das narrativas nos auxiliam a compreender a historicidade do sujeito, olhando para si em um processo de reflexão.<sup>48</sup> Tal quesito nos permitiu pensar as narrativas desconectadas de uma perspectiva cronológica.

Operacionalizamos às análises das narrativas considerando aspectos como: sequência temporal da narrativa; atores protagonistas e antagonistas ao longo da história; voz identificável da narrativa; padrões de referência valorativos; indicadores de conteúdo e contexto.<sup>49</sup> Nos dedicamos ainda nos conteúdos que emergem das falas e também nos atentamos para não incorrerem em reducionismos e simplificações que uma análise focada apenas no que é dito pode trazer em alguns momentos. Por isso, consideramos além do que foi dito, a apreensão das experiências *das* e *nas* narrativas, fugindo da execução de uma análise direta e sem o devido aprofundamento de que necessita uma pesquisa com a memória que se distancia da generalização e das grandes histórias.<sup>50</sup>

Por fim, a estrutura de apresentação de narrativas seguiu quatro grandes temáticas. Na primeira tratamos dos temas que consideraram as identificações e o ser árbitro; logo após, os movimentos pela profissionalização da arbitragem; na terceira, as narrativas congruentes com o futebol amador e o futebol profissional, e por fim, na quarta e última temática abarcamos as memórias das entidades representativas e organizadoras do futebol. Para fins deste artigo, nos debruçamos sobre a primeira temática.

#### **ENTRE MEMÓRIAS E IDENTIDADES: OS (EX)-ÁRBITROS DE FUTEBOL**

Ao trabalharmos com a figura dos árbitros de futebol, as seguintes questões podem emergir: o que é ela? O que ela faz? De que atividade estamos falando? Quais as lembranças do que é ser árbitro? Nesse sentido, as narrativas dos entrevistados apresentam marcas evidentes que caracterizam o árbitro de futebol. Ainda que

<sup>47</sup> RIESSMAN. *Narrative Methods for the Human Sciences*, p.11.

<sup>48</sup> SOUSA; CABRAL. *A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores*, p. 152.

<sup>49</sup> PENTLAND. *Building Process Theory from Narrative: From Description to Explanation*, p. 711.

<sup>50</sup> BARRETO. *Cartografia dos modos de ser da velhice e do trabalho rurais no Médio Vale do Jequitinhonha*, p. 94.

todos os entrevistados já tenham deixado de atuar em jogos da FMF, as narrativas são construídas, muitas das vezes no tempo presente, sobre o que caracteriza o ser árbitro de futebol, apresentando uma identificação com este ofício. Isso designa uma identidade ainda em transformação, o apito final não retirou deles o pertencimento com a função outrora exercida, como demonstram as memórias narradas.

As narrativas no tempo presente dos ex-árbitros podem ser consideradas como aquelas que conciliam o tempo presente com as questões do passado, acumulando tradições, experiências e também detritos.<sup>51</sup> É o que constatamos nos trechos abaixo, nos quais dois entrevistados rememoram suas atuações como árbitro de futebol, cujas memórias atribuem a boa atuação às características inerentes do sujeito, um dom, como eles disseram:

*Não é pra qualquer um, árbitro de futebol é dom. Eu não consigo pegar você se não tiver o dom e transformar em árbitro de futebol. Você tem que nascer com o dom de pensar em milésimo de segundo, de ser bom fisicamente, ter uma personalidade boa, ter uma conduta retilínea fora de campo pra ninguém falar nada de você (Thulio).*

*Ser árbitro de futebol não tem explicação, eu diria que é um dom. Mais do que a técnica, ele é algo que tá dentro de você e que você desenvolve em função do convívio do meio do futebol. Existe uma linha que fala que o árbitro é um jogador de futebol frustrado, eu não vejo por esse lado. Eu vejo que é um cidadão que investe de uma autoridade a ele dada e tem o dom. Arbitragem é algo que vem de dentro, a pessoa nasce árbitro. Por isso que tô te falando não tem uma explicação. Ele nasce com aquilo e se ele tiver oportunidade, aquilo nele expande (Nívio).*

Antes de qualquer explicação objetiva ou relacionadas à atividade em si, os entrevistados Thulio e Nívio afirmam a impossibilidade de explicar o que é ser árbitro de futebol, atribuindo o exercício da atividade a um “dom”, uma atividade que está além do controle e da vontade do próprio sujeito, já que ele nasce com ela. Uma dádiva, um talento inato para no uso corrente dos praticantes, tal como Arlei Damo destrincha ao estudar os jogadores de futebol. No entanto, em um segundo momento, as narrativas se vinculam às explicações objetivas, demonstrando que existem sim elementos que dependem da ação do sujeito, isto é, eles expressam que o se tornar árbitro de futebol decorre de uma construção social, intermediada pela formação, qualificação e atuação dentro do campo e não, simplesmente, decorrente

---

<sup>51</sup> BOSI. *Memória e Sociedade*, p. 55. NEVES. *História oral: memória, tempo, identidades*, p. 6.

de um dom essencialista, já formatado desde o nascimento. Esse elemento converge com a literatura,<sup>52</sup> no que diz a inculcação da cultura do meio ao modo com que a prática é exercida e com os papéis assimilados pelos árbitros em campo.

O entrevistado Thulio trabalha em sua memória que, para além do quesito “dom”, é necessário ter habilidades práticas. A identificação com a profissão ocorre a partir da assimilação de critérios oficiais estabelecidos pelas entidades regulamentadoras (o critério físico e a conduta social) e também dos critérios extraoficiais, que são consenso nas memórias do grupo entrevistado (a conduta retilínea), conforme nossas anotações em diário de campo. Isso converge para a literatura que explicita que os significados comuns e partilhados são fundamentais para as construções das identidades dos sujeitos, a auxiliar no processo de pertencimento ao grupo.<sup>53</sup>

No excerto, Nívio menciona que “existe uma linha que fala que o árbitro é um jogador de futebol frustrado”, mas, que, para ele, isso não se confirma. Analisando o trecho desde a perspectiva da identificação, podemos afirmar que ele indica os limites e o pertencimento advindos do processo de identificação do árbitro de futebol,<sup>54</sup> sobretudo, quando ele completa dizendo que este é alguém que investiu numa autoridade e que se desenvolve no meio comum aos árbitros. Além disso, quando ele menciona que o árbitro seria um jogador de futebol que não obteve sucesso, essa fala indicaria os limites formativos da respectiva identidade ao indicar a sua alteridade, isto é, o ser jogador de futebol. Ademais, esse fato de os entrevistados remeterem o ofício a um dom, podemos compreendê-lo como uma forma de se valorizar o trabalho desempenhado, já que, para alguns, ser árbitro de futebol pode indicar certa frustração, bem como, em positivar o seu significado.

O processo de identificação do árbitro de futebol influi a partir de diversas influências e representações externas do ofício, como narrado pelos entrevistados, que indicam as influências formativas desta identidade. Eles realizam uma conexão com ser árbitro e com a paixão nacional do futebol brasileiro, em que ele a intermedeia,<sup>55</sup> ressaltando a relevância da função desempenhada. Nessa fala, o

---

<sup>52</sup> DAMO. *Do “dom” à profissão*, p. 419.

<sup>53</sup> MONTEIRO et al. *O trabalho sujo com a morte*, p. 83.

<sup>54</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.10.

<sup>55</sup> SILVA; SCHIMIDT. *Futebol, mídia e sociedade*, p. 97.

entrevistado nos conta que não se identifica com uma visão do árbitro enquanto aquele que tentou ser jogador de futebol, mas com aquele que construiu sua identificação de autoridade a partir de um dom, com sua autoridade do apito.

De outra maneira, as seguintes narrativas consideram um condicionamento físico adequado, elementos da conduta individual socialmente aceita, o cumprimento de um papel de autoridade, que, apesar de ser “algo que tá dentro de você”, é desenvolvido a partir do “convívio do meio do futebol”. Tal ponto justifica o motivo de diversos de nossos entrevistados terem rememorado que o interesse pela arbitragem surgiu por uma socialização relacionada a esse esporte, além do retorno financeiro que a atividade possibilita, como demonstram os seguintes excertos.

Dentro da escola que eu estudava, tinha campeonato de futebol, eu apitava futebol (...). Uma *competência que eu fui desenvolvendo. Meu pai tinha sido árbitro e eu fui jogador de futebol amador* (Nívio).

A gente até brinca que árbitro de futebol não conseguiu ser jogador, né. Mas *eu joguei futebol amador* e parei porque não tinha muita perspectiva na vida como jogador, *surgiu a oportunidade de ser árbitro*, achei interessante (Lucas).

*Eu acompanhava o futebol na cidade do interior* que eu morava. Nunca pratiquei. O interesse pela arbitragem partiu mais da minha mãe. Eu não passei no vestibular, *não tinha teoricamente o que fazer, não estava trabalhando*, tinha que aguardar o próximo vestibular, e minha mãe um dia foi na padaria, viu um cartaz do curso de arbitragem para mulheres (Fernanda).

*A arbitragem veio como complemento de renda*. Teve uma crise que passamos aqui na década de 1990, uma crise de desemprego, como *eu já jogava futebol, eu joguei futebol amador*. E na época por falta de renda, eu comecei a arbitragem aonde eu tive início na Federação (Diego).

*Eu tentei ser atleta de futebol*, não consegui. Na época eu tava com 24 anos e aí foi uma *oportunidade pra eu ganhar dinheiro com a arbitragem* e fazer o que eu gosto que é futebol. Aí eu fiz o curso de arbitragem e depois que eu formei, fui pro futebol amador (Ricardo).

Diferente da narrativa que atribui a atividade de arbitragem a um dom, a uma coisa natural conforme novamente é desenvolvido nas lembranças de Nívio, a socialização com o meio do futebol aparece como elemento comum para o desenvolvimento da técnica necessária para realização da atividade. A partir disso, a narrativa desse entrevistado considera o pai como ex-árbitro de futebol, além de

rememorar que foi atleta de futebol antes do exercício da arbitragem, assim como também é narrado por Ricardo, Diego e Lucas. Fernanda, apesar de não ter sido atleta de futebol, recorda que acompanhava o futebol na cidade em que morava, sendo socializada no meio do futebol, assimilando um sentimento de pertencimento ao esporte que, mais tarde, resultaria na identificação com a atividade de arbitragem.

Os trechos destacados demonstram que o enveredamento pela formação da identificação com o apito decorreu de uma tentativa anterior de exercício do futebol, que se restou frustrada, exceto quanto a personagem Fernanda, cuja narrativa não trouxe a atuação primeva como jogadora de futebol. Para eles, a priori, ser árbitro de futebol não era a primeira opção de carreira, inclusive para o entrevistado Nívio que demonstrou ser essa opção um prolongamento da atuação paterna após ter se frustrado com sua atuação como jogador. Atuar como árbitro de futebol revelou ser uma boa alternativa para os sujeitos, já que traria retorno financeiro e os manteria em contato com o esporte admirado.

Os entrevistados ainda rememoram que a questão financeira impactou o início da atividade, sendo uma “oportunidade para ganhar dinheiro”. Em relação ao contexto social brasileiro na década de 1990 em que aparece na narrativa de Diego (e também se refere ao mesmo período de Ricardo), o desenvolvimento cessado na década de 1980 impactou a crise econômica da década seguinte.<sup>56</sup> Na primeira metade da década de 1990, o Brasil apresentou baixo crescimento econômico, inflação elevada e aumento da dívida pública, o que refletiu diretamente na renda da população como um todo.<sup>57</sup> Nesse sentido, a atividade de arbitragem veio como “complemento de renda”, e as lembranças relacionadas ao “ser árbitro de futebol” envolvem a busca por novas fontes de receita desses sujeitos. Uma carreira que sofreu interferência da conjuntura da época, como uma solução às dificuldades enfrentadas durante o período apontado, interferindo na identificação com que os entrevistados possuem com a atividade.

Para execução da atividade de arbitragem, os entrevistados apontam o curso de formação como um pré-requisito. Nele, são apresentadas as diretrizes teóricas sobre

---

<sup>56</sup> SILVA; COSTA. *O desemprego no Brasil na década de 1990*, p.10.

<sup>57</sup> SILVA; COSTA. *O desemprego no Brasil na década de 1990*, p. 33.

as regras e as interpretações que envolvem o esporte, e que necessitam igualmente de aprovação em testes físicos, sociais e psicológicos, para ingresso no quadro regular de árbitros estaduais. Esta situação ilustra que o processo de identificação dos árbitros de futebol recebe a influência do contexto social e dos processos de socialização,<sup>58</sup> como o caso do primeiro contato oficial com a arbitragem, por meio de curso, já moldando as identidades deles a partir desse aspecto.

*Ser árbitro é uma incógnita.* Um piloto de avião pode fazer um pouso de emergência, pular de paraquedas. O médico vai tirar raio x e aí tem o auxiliar lá que estuda, vai cortar onde? Vai tirar o quê? Um monte de coisas para analisar antes de abrir. O árbitro não, o instrumento dele é o apito, *é milésimo de segundo pra analisar o lance e levar o apito na boca.* Apitou, acabou. O jogo tem que ser paralisado. Apitou, mesmo sem querer, acabou (Thulio).

*Ser árbitro é uma missão* que você tem. Talvez a [atividade] que você tem mais poder na mão. *E de discernir o que é certo ou errado em questão de segundos* em prol do bom futebol, né. *E assim, o árbitro tem que ser malandro e esperto ao mesmo tempo. Malandro no bom sentido.* De ser inteligente, de entender o lance e saber levar o jogo (Ramon).

*Ser árbitro é coragem, coragem e coragem.* *Ser ousado, ser ousado mesmo.* Se o cara não for ousado, não tiver coragem, o cara não serve mesmo (Rômulo).

*Ser árbitro de futebol: ser doido.* Não tem outro. Nem eu sei porque eu entrei nisso. *É uma coisa tudo contra você, e você ainda sente prazer nisso,* em estar lá (Guilherme).

Nas narrativas, os entrevistados rememoram que ser árbitro é uma “incógnita” e “missão” pois necessita de análise e julgamento de uma situação em poucos segundos, o que difere de outros profissionais que possuem tempo para pensar, analisar e então decidir a melhor conduta a seguir. Esse termo utilizado por Thulio, “incógnita”, indica que para decifrar essa função, o sujeito se encontra sozinho no instante certo, diferentemente de outras profissões, que contam com o auxílio de outras pessoas. O que reforça, para os próprios narradores, a importância da atividade que realizam e de suas habilidades em tomar decisões “em questão de segundos”.

---

<sup>58</sup> MONTEIRO et al. *O trabalho sujo com a morte*, p. 81.

Além disso, a utilização do verbo “ser” já demonstra essa incorporação dos aspectos da profissão como individuais, um dos aspectos constitutivos da própria identidade. O processo de avaliar o certo e o errado, julgar, levar o apito até a boca e fazê-lo soar compõem as lembranças do que é essa atividade. Para que isso possa ocorrer de forma satisfatória, Thulio utiliza exemplos de outras profissões em que o processo de análise possui uma alternativa para a ação (o piloto que decide se ejetar de um avião, o médico que avalia toda a situação antes de uma cirurgia). Diferente disso, a decisão do árbitro não pode ser alterada, no sentido de que, após a ação de apitar, o lance “acaba”. Ramon utiliza adjetivos como “malandro”, “esperto” e “inteligente” para dar força à narrativa do árbitro como o que deve compreender a regra que se aplica em um lance específico e conduzir a partida da melhor maneira possível. Por isso, ser árbitro envolve mais um aspecto prático: a tomada de decisão em poucos instantes.

Rômulo e Guilherme utilizam das temáticas da coragem, da ousadia e da loucura para delinear suas identidades, uma vez que as suas marcações podem divergir dos interesses das equipes. A razão para ser corajoso, para Guilherme, é o prazer na realização e participação em um jogo, ainda que não estejam uniformizados com os escudos dos times em disputa. As afirmações deles estão em consonância com a fala anterior de Nívio, sobre ser a arbitragem um exercício de autoridade. Afinal, é preciso coragem para interditar a paixão do brasileiro e impor limites a essa identidade nacional, e que, ao mesmo tempo, define os valores das identidades individuais. Outrossim, tais narrativas convergem com o caráter fluído desse processo, que indica que as identidades se tornam inacabadas e construídas a todo tempo a partir da interiorização e apreensão de procedimentos e de condutas sociais.<sup>59</sup>

*Pra mim, com minha experiência, [ser árbitro] é uma grande solidão em meio à multidão. É a solidão em meio à multidão. Principalmente pro árbitro que tá no apito, o árbitro central. Porque as decisões, por mais que você tenha uma equipe né na hora do jogo, mas como as decisões são suas é sempre uma situação de você com você mesmo. (...) Mas, você sente assim que o mundo vai cair na sua cabeça, o mundo está prestes a cair na*

<sup>59</sup> VAN VUUREN; TEURLINGS; BOHLMMEIJER. *Shared fate and social comparison*, p. 274. AGUIAR; CARRIERI. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses, p. 257.

*sua cabeça. E o universo do futebol, porque você em meio à multidão, porque essa multidão, não é só a multidão do estádio, dos torcedores, dos jogadores que te veem como elemento ameaçador, perturbador. Muitas vezes você é o cara perturbador, que vai marcar a falta contra ele, dar um pênalti contra o time dele, vai punir, vai dar amarelo, vai dar o vermelho. Ali as duas equipes são contra você na verdade. (...) Então é meio que assim, né, como se você tivesse sozinho em meio à multidão e tivesse que enfrentar essa multidão e no final você sair inteiro, né, inteiro com pequenas escoriações vamos assim dizer. O desgaste psicológico é muito grande (Belmiro).*

A narrativa acima reveste de uma singularidade importante para a análise identitária dos ex-árbitros mineiros, uma vez que assumimos a perspectiva de ser as identidades resultado de vários processos de identificação, uma construção social, que ocorre no bojo das relações sociais, cujos limites são impostos pela diferença.<sup>60</sup> Isto é, o eu do sujeito sofre interferências do eu do outro. Esse outro como um espelho do eu, que me ajuda a compor o que sou e que não sou. E, no presente caso, como relatado por Belmiro, ser árbitro de futebol é estar sozinho no meio de uma multidão, de ser ali um estranho e uma ameaça aos objetivos das equipes. Essa afirmação do ex-árbitro exprime um não pertencimento à identidade de jogador de futebol, e, em última instância, um não fazer parte da identidade nacional. Estar solo, a partir dessa narrativa, seria uma disputa entre inclusão e exclusão nas identidades, em ser mais aceito ou não pelos outros sujeitos, e, por isso, é tão marcante a ênfase do desgaste psicológico.

Sendo assim, as identidades do árbitro de futebol, especificamente do árbitro central, nas lembranças de Belmiro, envolvem a responsabilidade por ver, julgar e apitar um lance em poucos segundos, que pode contrariar os interesses de muitos, sejam espectadores ou jogadores. Estar sozinho no lance e não ter outro sujeito ali, do mesmo grupo, para discutir e analisar as conjunturas e decidirem a melhor decisão a ser tomada, mas, de ser considerado pelos outros, como “ameaçador, perturbador”. Esse é um sentimento que se contrapõe ao desejo de todo ser humano de pertencer a determinado grupo ou identidade,<sup>61</sup> expondo um processo negativado de identificação como jogador de futebol, revelado, sobretudo, quando ele diz que as duas equipes estão contra o árbitro de futebol, que apita a partida. O

<sup>60</sup> WOODWARD. *Identidade e diferença*, p. 16. HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.11.

<sup>61</sup> BAUMAN. *Identidade*, p. 55.

que se contrapõe à perspectiva do ex-árbitro Ramon, transcrita logo abaixo, o qual considera ser um bom árbitro de futebol, ao não ser notado na partida, de modo que exerça a sua função sem assumir o destaque ou o protagonismo do jogo. Condição, na qual, evitaria o conflito ou o enfrentamento da multidão.

São afirmações que exemplificam que é no cotidiano de exercício da atividade, nesse caso dos jogos, que os sujeitos manifestam suas identidades.<sup>62</sup> Pois, é no cotidiano das partidas e campeonatos que ocorre o ápice dos processos das identificações dos sujeitos com o ser árbitro de futebol, quando eles assimilam os valores simbólicos e partilham das representações dessa função, os quais foram apreendidos durante os anos formativos.

O entrevistado Belmiro ainda desenvolve a narrativa de que, por mais que exista uma equipe de arbitragem, as decisões no campo são individuais, sem envolver um processo de revisão, como hoje é possível com o *Video Assistant Referee* (VAR).<sup>63</sup> É por isso que, para ele, a identificação com a arbitragem envolve grande desgaste psicológico. É uma responsabilidade de aplicar as regras de “como se estivesse sozinho” e faria com que o sentimento fosse de “que o mundo vai cair na sua cabeça”. A metáfora utilizada como estratégia argumentativa nesta temática reforça o sentimento de pressão narrado, rememorando como é ser esse elemento de destaque negativo nos sentimentos que envolvem a partida de futebol. No processo do jogo, a narrativa temática da identificação com a atividade de árbitro é rememorada pelos entrevistados:

*A função do árbitro no jogo é não deixar o atleta levar vantagem daquilo que ele não tem direito, eles usam muito isso; tentar coibir violência, não permitir agressão e administrar o jogo dentro das regras do futebol, fazer cumprir as regras do futebol (Lucas).*

*A função dele é essa, administrar, dirigir, estabelecer e controlar a regra de futebol instituída pela international board e pelo regulamento da competição. (...) A função do árbitro é imprescindível, ele é o mais importante sob o ponto de vista de controle geral de uma partida de futebol, dentro do campo de jogo (Nívio).*

<sup>62</sup> AGUIAR; CARRIERI. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses, p. 257. CABANA; ICHIKAWA. *As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá*, p. 287.

<sup>63</sup> O Árbitro de Vídeo Assistente é uma tecnologia implantada a partir da alteração da regra 5 do futebol mundial na Copa do Mundo de 2018, permitindo ao árbitro central a checagem de lances duvidosos na partida que envolvam cartões vermelhos, pênaltis e gols.

A função do árbitro em campo é *conduzir o jogo sem ser notado*. Quando você apita um jogo e não é notado até o fim do jogo, é sinal que você fez uma boa partida. (...) Sempre que você deixa o jogo transcorrer, *aplica as 17 regras sem ser notado*, você é um bom árbitro (Ramon).

E a função do árbitro é entrar em campo e *repartir a justiça igualmente*, isso aí. Pau que dá em Chico, dá em Francisco. Saber que o árbitro é um ser humano, não vai acertar tudo e haja visto que estamos vendo aí que nem com o VAR. Você ainda tem 5, 6% de erro. Não tem 100%, mesmo com o VAR (Guilherme).

As narrativas que abarcam as memórias do ser árbitro dentro do campo de futebol reforçam, basicamente, o cumprimento das regras estabelecidas pela *International Football Association Board* (IFAB).<sup>64</sup> Nesse sentido, para os entrevistados, o senso de justiça acompanha o ofício de tal maneira que o árbitro se caracteriza como o que verifica o cumprimento das regras para que um resultado seja legítimo. Ele aplica o que é universalmente estabelecido de tal forma que os atletas não possam obter vantagens indevidas, ou seja, não estabelecidas nas regras do jogo. Isso é demonstrado na fala de Guilherme, que associa a atividade do apito ao exercício da justiça em campo, que se caracteriza no arbitrar sem privilegiar qualquer equipe em disputa.

Ao mesmo tempo, o sistema de significação que envolve a atividade demonstra a possibilidade de construção das identidades a partir de algo comum entre um grupo,<sup>65</sup> um comum apreendido durante a formação e atuação deles, durante o processo de identificação com a função.

De outro lado, retomando o ponto de vista do personagem Nívio, sua função equivale à de um administrador, quando se exige do árbitro que mantenha o controle da partida, intermediando, a partir de regras pré-estabelecidas, os múltiplos interesses do jogo. Nesse sentido, para realizar a função, de forma satisfatória, Ramon complementa que ele precisa aplicar as 17 regras do futebol sem que seja “notado”, realizando a atividade com o maior número de acertos possíveis. A conexão com o tempo presente das memórias fica evidente quando o

---

<sup>64</sup> A IFAB é uma instituição mundial responsável por unificar as regras do futebol oficial de todo o mundo. Ela realiza duas reuniões mensais para discussão das regras e das possíveis novas regras do jogo.

<sup>65</sup> FERREIRA; LEÃO; PAIVA JÚNIOR. *Identificação e diferença na construção de identidades culturais de torcedores rivais dos três grandes clubes da cidade do Recife*, p. 89.

entrevistado Guilherme afirma que, nem mesmo com o uso do VAR, os erros da arbitragem podem ser cessados, refletindo no presente, com o instrumento tecnológico da época atual, sobre as questões (e erros) do passado. O trecho coaduna com a discussão de que o presente nos impulsiona a mudar a forma de ver o passado. O passado é então visto e rememorado desde as influências do tempo em que é evocado.<sup>66</sup>

*E ser árbitro é dedicação, foco, abrir mão de muita coisa por exemplo de vida pessoal, que foi o que aconteceu comigo durante muito tempo, priorizar a arbitragem em detrimento de outra coisa. (...) Então é abnegação, foco, insistência, persistência, porque os obstáculos são muitos, não por ser mulher, também isso é um fator, mas a carreira de árbitro em si ela não é fácil porque as pessoas acham que só chegar no estádio, vestir o uniforme e apitar. Tem uma série de coisas implícitas aí, você tem que ter uma alimentação adequada, ter uma vida social regrada, precisa de um acompanhamento nutricional, de um ortopedista bom porque a exigência física é muita, o desgaste mental, então um psicólogo é essencial, pra se agir com eficiência (...) E mais específico para as mulheres é a questão da parte física, porque biologicamente é diferente o corpo da mulher então tecnicamente ela tem que treinar mais pra atingir o mesmo índice. A mulher pra atuar em competição masculina ela tem que fazer o mesmo índice dos homens, então você precisa desse tempo pra poder treinar. Então como é que você vai ter tempo pra poder treinar, conciliar sua vida profissional fora da arbitragem então essa é uma questão. A questão da maternidade também é um problema sério no Brasil. A mulher que engravida ela não tem garantia nenhuma de que vai ser mantida no quadro nacional. Internacional então nem se fala. Então engravidar é sinônimo de perder o escudo, entendeu? (Fernanda).*

Destacamos acima a perspectiva de uma das duas mulheres entrevistadas durante a pesquisa, que narra as peculiaridades de ser mulher e exercer uma função comumente reconhecida como destinada aos homens. Ela foi uma das poucas personagens que relatou as dificuldades adaptativas de conciliar a vida pessoal com a função de apitar jogos profissionais de futebol. Inclusive, no que tange às exigências físicas, próprias e próximas à capacidade do organismo masculino, preceituadas, também, ao corpo feminino, quando se assevera que há “uma série de coisas implícitas aí”.

Mais adiante, Fernanda narra sobre a interdição que as mulheres árbitras sofrem quando exercem a função em nível profissional, segundo ela “a questão da

<sup>66</sup> GUARINELLO. *História científica, história contemporânea e história cotidiana*, p. 17.

maternidade também é um problema sério no Brasil”, pois, quando isso acontece, “engravidar [se torna] sinônimo de perder o escudo”, dada as incertezas que permeiam o tema no âmbito da arbitragem no país. Além disso, a própria narrativa da entrevistada demonstra haver uma incompatibilidade da maternidade com o ofício de mediar uma partida de futebol, uma vez que durante a gestação o corpo da mulher sofre diversas alterações, cuja recuperação não ocorre de imediato após o parto, já que “para as mulheres é a questão da parte física, porque biologicamente é diferente o corpo da mulher então tecnicamente ela tem que treinar mais pra atingir o mesmo índice”. Assim, a identificação feminina enquanto mulher, árbitra, mãe para com a atividade envolve maiores dificuldades e conflitos, o que revela a fragmentação das identidades, em um complexo quebra-cabeça identitário<sup>67</sup> para aquelas que desejam atuar em partidas de futebol de campeonatos oficiais, convergindo com o exposto na literatura.<sup>68</sup>

As memórias aqui aduzidas nos revelam que as identidades dos ex-árbitros de futebol mineiros são datadas (em sua maioria, até o início dos anos 2000) e revelam terem se desenvolvido em determinado tempo histórico e que se contrapõem com o momento atual, demonstrado quando o personagem Guilherme traz o elemento tecnológico do presente, o VAR, para ressaltar a humanidade da função, segundo a qual não se acerta em 100% da atuação. E essas lembranças do passado, com o uso do tempo verbal no presente, revelam identificações que não passaram, inobstante já não atuarem mais nos gramados. Assim, eles não se despiram do uniforme de jogo, trazendo consigo os escudos (símbolos), que revelam identidades ainda presentes e atuais.<sup>69</sup>

#### **APITO (QUASE) FINAL**

Está chegando ao fim do tempo regulamentar deste artigo e relembremos que o objetivo foi compreender o que é ser árbitro de futebol e como são construídas as identificações com essa função, a partir das memórias de ex-árbitros que foram

---

<sup>67</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 12.

<sup>68</sup> SANTOS. *As mulheres árbitras de futebol*, p. 156.

<sup>69</sup> BAUMAN. *Identidade*, p. 55.

vinculados à Federação Mineira de Futebol (FMF). Memórias do passado, contadas no presente, frutos de processos sociais cujos referenciais utilizam-se de experiências individuais e coletivas da sociedade. Elas, reverberam o caráter construtivo e intencional das memórias, sendo processos geridos e políticos, tendo em vista os interesses no tempo em que são evocadas.

As narrativas orais dos 21 ex-árbitros de futebol profissional demonstraram que, apesar de em um primeiro momento eles valorizarem a função atrelando-a a um “dom”, pois, seria algo nato e essencial; eles ressaltaram, logo após, a característica de ser o árbitro de futebol, bem como a identificação enquanto tal, construído e desenvolvido ao longo da carreira, por meio das variadas formações, atuações e preparações necessárias. Tal questão denota a fluidez da constituição das identidades. Essa condição deve ser compreendida no plural, já que são muitos os fragmentos que a compõem, cujas interferências advêm do contexto social e do momento histórico que determinado sujeito está vinculado. Sendo assim, as identidades estão sempre inacabadas, em constante construção e transformação, um vir a ser incessante em que as diversas ocasiões experienciadas interferem nesse processo. No mesmo sentido, a construção do ser árbitro permanece em constante vir a ser, que é diferente agora em um papel de ex-árbitro do que era antes, na época de atuação. O ser árbitro para os jubilados, não é o mesmo do que era no momento de atuação. E mesmo que busquemos refazer a pesquisa, o ser árbitro não será igual no futuro, já que responderá aos interesses no momento da realização das entrevistas.

Ressaltamos, ainda, que pensar, nesse trabalho, o árbitro de futebol, possibilitou uma abertura a outras possibilidades de pensarmos os personagens do jogo a partir de figuras que, em um primeiro momento, não seriam protagonistas em campo. Essa é a nossa maior contribuição para a área. Pontuarmos as identificações de sujeitos diversos, não somente daqueles que ocupam os holofotes, retirando da centralidade o que já é amplamente divulgado, para provocar um movimento voltado para o micro, a fim de sobrelevarmos os outros saberes que não os já estabelecidos.

Por fim, estudar as identificações desses sujeitos nos possibilitou refletir sobre as diversas formas de ser o árbitro de futebol, uma figura essencial para a

realização dos jogos de futebol. Assim, defendemos a importância de se incentivar estudos de sujeitos e profissões tratadas como “outros”, que não compõem a centralidade na construção do conhecimento futebolístico. A nossa sugestão é que estudos futuros se voltem para trabalhos que busquem compreender o processo de identificação de sujeitos menores, do ponto de vista histórico, ligados ao futebol e com recortes específicos não generalizantes (massagistas, porteiros, seguranças, pequenos clubes, mulheres, negros etc.) caminhando para desvelar o modo de vida desses grupos na dinâmica do futebol.

\* \* \*

Os autores agradecem à Coordenação de Apoio e Pesquisa em Ensino Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento, possibilitando a realização desta pesquisa.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. R. C.; CARRIERI, A. P. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 247-262, 2016.
- BARRETO, R. O. **Cartografia dos modos de ser da velhice e do trabalho rurais no Médio Vale do Jequitinhonha**. Tese (Doutorado em Administração), UFMG, Belo Horizonte, 2018.
- BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151-161, 2015.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOM MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1994].

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CABANA, R. P. L.; ICHIKAWA, E. Y. As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. **Organizações & Sociedade**, v. 24, n. 81, p. 285-304, 2017.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

CORREIA, G. F. A; PEREIRA, H. G.; CARRIERI, A. P. “Ser um ambulante é necessidade que nós temos de trabalhar”: cotidiano e identificação de trabalhadores pipoqueiros de Belo Horizonte. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 21, n. 2, p. 165-180, 2018.

COSTA, A.M.; SILVA, M. A. C. A Pesquisa Histórica em Administração: uma proposta para práticas de pesquisas. **Revista Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 20, n. 1, p. 1-20, 2019.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Mexico: Ediciones Era, 1978.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

FARIA, E.; SOUZA, V. L. T. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, p. 35-42, 2011.

FERREIRA, B. R. T.; LEÃO, A. L. M. S.; PAIVA JÚNIOR, F. G. Identificação e diferença na construção de identidades culturais de torcedores rivais dos três grandes clubes da cidade do Recife: entre a defesa e o ataque em interações sociais virtuais. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 3, n. 2, p. 85-96, 2014.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002.

FERREIRA, R. D. A.; BRANDÃO, M. R. F. Árbitro brasileiro de futebol profissional: percepção do significado do arbitrar. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 2, p. 229-238, 2012.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, n. 32, p. 148-170, 1961.

GUARINELLO, N. L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- INTERNACIONAL FOOTBALL ASSOCIATION BOARD. **Regras do jogo**. Zurich: IFAB, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3o71wkE>. Acesso em: 15 maio 2019.
- JOAQUIM, N. F.; CARRIERI, A. P. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 85, p. 303-319, 2018.
- MCLELLAN, E.; MACQUEEN, K. M.; NEIDIG, J. L. Beyond the Qualitative Interview: Data Preparation and Transcription Field Methods. **Field Methods**, v. 15, n. 1, p. 63-84, 2003.
- MENEZES, V. Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico. **Revista Intratextos**, v. 6, n. 1, p. 68-81, 2014.
- MONTEIRO, D. F. B.; PEREIRA, V. J.; OLIVEIRA, L. L.; LIMA, O. L.; CARRIERI, A. P. O trabalho sujo com a morte: o estigma e a identidade no ofício de cozeiro. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 6, n. 1, p. 77-98, 2017.
- MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, v. 20, n. 2, p. 445-469, 2014.
- NEVES, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- NUNES, C. C.; MATTEDI, M. A. Memórias da constituição do cenário esportivo amador em Santa Catarina. **Licere**, v. 18, n. 2, p. 1-33, 2015.
- PENTLAND, B. T. Building process theory from narrative: from description to explanation. **Academy of Management Review**, v. 24, n. 4, p. 711-714, 1999.
- PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 179-195, 2001.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RIESSMAN, C. K. **Narrative Methods for the Human Sciences**. London: Sage, 2008.
- SANTOS, I. C. **As mulheres árbitras de futebol**: um estudo sobre tecnologias de gênero e perspectivas da divisão sexual do trabalho. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural). Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2016.
- SILVA, E. L.; COSTA, L. C. O desemprego no Brasil na década de 1990. **Emancipação**, v. 5, n. 1, p. 9-36, 2005.
- SILVA, G. S.; SCHMIDT, C. Futebol, mídia e sociedade: a espetacularização da imagem do sucesso e suas influências. **Revista UEPG Ciências Sociais Aplicadas**, v. 27, n. 1, p. 95-114, 2019.
- SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015.

VAN VUUREN, M.; TEURLINGS, J.; BOHLMMEIJER, E. T. Shared Fate and Social Comparison: Identity Work in the Context of a Stigmatized Occupation. **Journal of Management & Organization**, v. 18, n. 1, p. 263-280, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-68.

YATES, J. Understanding Historical Methods in Organization Studies. In: BUCHELI, M.; WADHWANI, D. R. (Orgs). **Organizations in Time**: History, Theory, Methods. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 265-283.

\* \* \*

**Recebido para publicação em: 18 dez. 2020.**  
**Aprovado em: 25 maio 2021.**